

BRAZÍLIA, QUINTA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO DE 2006

Editor: Raul Pilati // raul.pilati@correio.com.br
 Subeditores: Maísa Moura, Rozane Oliveira e Sandro Silveira
 Tel. 3214-1148
 e-mail: economia@correio.com.br

BOLSAS	BOVESPA	A-BOND	DÓLAR	EURO	Ouro	CDB	INFLAÇÃO
Na terça (em %) + 1,69 São Paulo + 0,28 Nova York	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos) 41.290 40.815	Título da dívida externa brasileira, na terça-feira (em R\$) US\$ 1,105 (▲ 0,54%)	2,149 (▼ 0,92%)	Últimas cotações (em R\$) 07/novembro 2,13 08/novembro 2,14 09/novembro 2,14 10/novembro 2,15 13/novembro 2,16	Turismo, venda (em R\$) na terça-feira 2,754 (▼ 0,83%)	Na BM&F, o grama (em R\$). R\$ 43,200 (▼ 1,13%)	Prefeitado, 30 dias (em % ao ano) 13,49%
							IPCA do IBGE (em %) Junho/2006 -0,21 Julho/2006 0,19 Agosto/2006 0,05 Setembro/2006 0,21 Outubro/2006 0,33

POLÍTICA ECONÔMICA

Governo avalia que cotação do dólar ficará próxima de R\$ 2,20 em 2007, dificultando o desenvolvimento por meio das exportações. Agora, para obter crescimento, tenta baixar os impostos sobre a produção

O motivo da pressa

VICENTE NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

O câmbio está no centro das pressões que o presidente Lula está fazendo sobre a equipe econômica para encontrar medidas que ampliem o potencial de crescimento do país a partir de 2007. Tanto o Banco Central quanto o Ministério da Fazenda já trabalham com a possibilidade de os preços do dólar ficarem próximos dos R\$ 2,20 no ano que vem. O problema é que, com essa cotação, o setor exportador — concentrado, principalmente, em São Paulo — tende a suspender investimentos. E segmentos importantes, como o têxtil e o calçadista, grandes empregadores de mão-de-obra, aprofundarão a crise na qual estão mergulhados.

Insuflados pela parcela do empresariado que o apoiou na campanha pela reeleição, Lula está convencido de que o governo precisa dar compensações ao setor produtivo diante da falta de perspectivas de aumento do preço do dólar. O consenso dentro do governo é de que, com os elevados saldos comerciais registrados pelo Brasil — as projeções apontam para um resultado positivo próximo de US\$ 40 bilhões no ano que vem — não há a menor possibilidade de a moeda americana avançar muito além dos R\$ 2,20. Portanto, o presidente vem dizendo que é preciso encontrar rapidamente



EMBARQUE DE PRODUTOS PARA EXPORTAÇÃO: BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA DEVE TER SUPERÁVIT DE US\$ 40 BILHÕES NO ANO QUE VEM

mecanismos que tornem o custo de produção das empresas mais barato. E isso passa pela desoneração de impostos e pela melhoria da infra-estrutura.

“Não há outra alternativa ao governo. Os atuais níveis do câmbio vieram para ficar. Então, é

preciso estimular a produção e os investimentos de outra forma. Mas não será uma tarefa trivial. Para cortar impostos, o governo terá de reduzir seus gastos, e isso implicará a realização de reformas como, por exemplo, a da Previdência Social”, disse o

economista-chefe do Banco ABC Brasil, Luís Otávio de Souza Leal. “Para melhorar a infra-estrutura do país e diminuir o chamado custo Brasil, o governo também terá de reduzir suas despesas. Sem essa redução, não terá como ampliar os investimentos. E

o caminho, de novo, é o das reformas”, acrescentou.

Tarefa difícil

A visão do presidente do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Luiz Guilherme

Schymura, não é diferente. Ele afirmou que, nos últimos anos, o governo adotou uma série de medidas na tentativa de elevar os preços do dólar. Desde o início de 2004, o Banco Central e o Tesouro Nacional compraram mais de US\$ 80 bilhões que estavam sobrando no mercado. Até agosto deste ano, a dívida externa líquida foi reduzida em US\$ 74 bilhões. De setembro do ano passado para cá, a taxa básica de juros (Selic) caiu seis pontos percentuais, de 19,75% para 13,75% ao ano. Há pouco mais de dois meses, o governo ampliou o prazo para que os exportadores deixassem seus dólares no exterior. Mesmo assim, o câmbio não mudou.

Ou seja, para Schymura, se quiser reverter ou pelo menos diminuir os problemas do setor exportador — fundamental para o crescimento mais consistente da economia —, o governo terá de enfrentar problemas estruturais, como a reforma da legislação trabalhista, para tornar o custo da mão-de-obra mais barato. Terá, ainda, que melhorar o nível de educação do trabalhador brasileiro e estimular a formação de poupança. “As empresas brasileiras estão sofrendo duplamente. Primeiro, com a mudança estrutural do câmbio. Segundo, com a concorrência chinesa, onde os custos de produção são baixíssimos e há poupança pública e privada de sobra para investimentos”, destacou.